



Máx. 36°C
Min. 16°C
Fracos/Moderados com rajadas

MARÉS Fonte: Marinha do Brasil

ALTA 03:21 **2.3m**
15:47 **2.2m**

BAIXA 09:26 **0.4m**
21:38 **0.4m**

FASES DA LUA

☾ 06 de setembro ☾ 21 de setembro
○ 14 de setembro ● 28 de setembro

ASSUERO LIMA

BARREIRA DO CABO BRANCO. GEÓGRAFO AFIRMA QUE DRENAGENS NÃO IRÃO PARAR DESLIZAMENTOS

Risco iminente

Lucilene Meireles

As obras de drenagem que estão sendo realizadas na Barreira do Cabo Branco pela Prefeitura de João Pessoa não vão resolver a situação da falésia. A afirmação é do geógrafo Williams Guimarães, professor de engenharia civil do Instituto de Educação Superior da Paraíba (Iesp). Ele destacou que não há licença ambiental para a intervenção e alertou que a situação no local é crítica, inclusive com risco iminente de desabamento no local. De acordo com o especialista, a drenagem, que prevê a redução dos efeitos da erosão, e as demais ações previstas não vão, de fato, conter os deslizamentos e evitar um desgaste maior.

“Essa situação de restabelecer a rede de drenagem é só um paliativo. Não vai resolver muita coisa. Basicamente será retirada a rede de drenagem de cima da falésia”, observou. O correto, conforme explicou Guimarães, seria redirecionar a rede drenagem para outro local e não deixar onde está atualmente. “Ali está tendo muita infiltração, a galeria de água pluvial está toda rachada, infiltra no solo, desagrega e fica caindo o material no mar, na praia. É o tipo de obra que precisaria ter uma avaliação ambiental da área porque o solo ali é muito frágil. Pode estar resolvendo o problema em cima e piorando embaixo”, analisou.

Sem resposta

A reportagem entrou em contato com a secretária de Planejamento (Seplan) de João Pessoa, Daniela Bandeira para ouvir o posicionamento oficial, mas até a edição do material, não obteve retorno.



A orientação seria fazer uma avaliação de impacto ambiental, ter as licenças que atestam sem esse tipo de situação. “É

só se pega licença ambiental se tiver um laudo técnico, do contrário, não tem a licença. Até onde sei, a prefeitura não está com licença ambiental para fazer aquilo ali, não. Se tiver, é da Semam e, se for da Semam, é dar uma licença para você mesmo fazer. Fica compli-

cado”, acrescentou o geógrafo.

Perigo. Enquanto se discute uma solução durante anos, a barreira vem se desgastando cada vez mais, com a pista sendo afetada e os postes ficando cada vez mais próximos do abismo. Nesse ritmo, o risco de um desabamento afetando um trecho maior do que normalmente ocorre é real. “O risco de um desabamento maior não só existe, como é iminente”, assegurou o geógrafo Williams

Guimarães. Ele contou que está fazendo um levantamento de áreas de risco com alunos de Engenharia Civil, e relatou que ontem pela manhã estava fazendo a parte de topografia quando começou a descer areia da falésia na praia.

“Estamos falando de areia. Imagine um bloco grande desabando morro abaixo. O pessoal transita bastante ali. Enquanto eu estava fazendo o levantamento, tem muita gente fazendo exercício fisi-

co, caminhando. É uma área utilizada intensamente e não poderia ser diferente porque se trata de uma área na região metropolitana e a população ocupa mesmo. Não tem como dizer para não ocupar”, disse. Porém, de acordo com ele, é possível prevenir acidentes graves. “O que se pode fazer é mapear as áreas de risco iminente e orientar a população, porque o pessoal está passando por ali sem nenhum tipo de orientação visual”, constatou.

Artigo

É um céu o SEL da APL



Mário Tourinho
Administrador
admariotourinho@gmail.com

Muito lastimo não poder vivenciar amanhã, sexta-feira, dia 13, mais um céu que a tantos proporcionará a Academia Paraibana de Letras (APL).

Iniciando estes escritos com esse termo celestial, logo algum(a) leitor(a) poderá dizer: “Que erro absurdo, esse, de Mário Tourinho, confundindo céu com SEL...”

É eu esclareço que não estou cometendo esse equívoco, não! É que o SEL, tão notavelmente pensado e anualmente realizado, desde 2016, pela APL, é uma espécie de céu, um paraíso ou um éden proporcionador de felicidade, tal o enriquecimento cultural que propicia a tantos quantos dele participam, vez que corresponde a um Seminário de Estudos Literários! E o deste ano, o IV, realizando-se a partir das 8 horas da

manhã, também pela tarde e só terminando à noite - isto, óbvio, na sede da própria Academia Paraibana de Letras, tem por tema “O Regionalismo em Ariano Suassuna”. Você, leitor(a), vai perder?!...



De minha parte pessoal, como já disse, não vou estar presente a mais esse céu da APL, que é o Seminário de Estudos Literários (SEL) e de cuja III edição, em 2018, entusiasticamente participei, tendo tido por tema “Augusto dos Anjos: Contemporaneidade e Universalidade”. Mas, na data deste IV SEL, 13 de setembro, a agradável condição de avô obrigá-me-á, juntamente

com a avó Ana, estar na comemoração do 5º aniversário natalício do neto Francisco, na cidade sergipana de Itabaiana, onde reside com nosso outro neto, Mário Neto, frutos do amor de nosso filho Márcio e da nora Juliana, químicos que atuam para a empresa Azaleia, esta instalada no município de Frei Paulo/SE.

Mas, se pessoalmente não poderei estar na APL para participar do IV SEL, a Academia Paraibana de Ciências da Administração (APCA), que atualmente presido, far-se-á representar por seu acadêmico (e primeiro presidente), professor Lúcio Mariano Albuquerque Melo, que, certamente, muito gratificado também se sentirá por essa participação em mais esse tão rico evento da Academia Paraibana de Letras.

Farol não será atingido agora

Ainda está longe da erosão atingir o Farol do Cabo Branco. De acordo com o geógrafo Williams Guimarães, qualquer previsão que se faça agora será prematura, porque os estudiosos trabalham com ciclo de maré, o clima que tem alterações ano a ano, com chuvas mais ou menos rigorosas, e vai depender da situação climática e da dinâmica costeira.

Para fazer uma previsão, ele explicou que teria que ser feito um estudo ou levantamento para ter uma ideia ou um prognóstico do tempo. “Se for para chutar, pegamos os dados da Fundação Apolônio Sales, coletados entre 2007 e 2010. Naquela época, o recuo variava de 0,46 metro a 1,92 metro por ano. Então, se fizermos uma projeção bem superficial, vai dar em torno de quase um metro por ano”, observou. “Se ficar nesse ritmo, creio que no decorrer de duas ou três décadas, o acesso ao farol já pode ficar inviável. Não vou dizer que o farol cai, não vou fazer a teoria do caos, mas já teríamos uma situação muito complicada de acesso, inclusive, àquela área”, analisou o professor.

Situação é crítica. “A barreira representa risco à integridade física dos usuários, turistas. Existem muitos pontos de erosão e, diante da situação que a prefeitura colocou agora, de refazer a rede de drenagem, a situação ficou bem pior”, avaliou Williams Guimarães.

Ele percebeu também que a obra não tem uma continuidade. “Quando se propõe um projeto para obra costeira tem que ter começo meio e fim. Não pode parar a obra. Se

parar, significa que quando retomar tem que recomendar o zero. E dá para perceber que está parado, chega um trabalhador aqui e acolá. Fora isso, não vemos celeridade no processo. A situação ali é crítica”, constatou. Até o final do ano, a pretensão do geógrafo é tentar fazer uma diagnóstico da área, apresentando um mapa da área de risco, com os principais pontos que podem causar

impacto à integridade física dos usuários.

Óleo na mar. “Existe impacto para a vida marinha e para a parte continental. Percebi que o óleo dos maquinários que estão utilizando para fazer a rede de drenagem será depositado no mar. A prefeitura não deixa nada claro em relação ao que se está fazendo ali”, disse Williams Guimarães.

10% Era o percentual de conclusão das obras de drenagem em agosto. A intervenção na falésia é considerada a mais importante na área. A intenção é reduzir o impacto das águas das chuvas na falésia. Mais de 150 metros dos 1,5 mil metros previstos de rede de drenagem foram concluídos.

Ideia de como resolver

A solução, conforme o estudioso Williams Guimarães, consiste em intervenções pontuais onde a erosão está bastante acentuada. Para isso, teria que fazer um levantamento de toda área para saber onde se poderia colocar um tipo de intervenção que estabilizasse aquele setor.

“Não se mexe no ponto que estiver em equilíbrio de erosão, deixa do jeito que está. Porém, até onde eu entendo, não estão fazendo nenhum tipo de iniciativa. Então, qual seria a situação? É resolver o problema da parte continental? Não. Tem que resolver o problema da parte continental e da parte marinha”, explicou.

Drenagem. A construção

da rede de drenagem prevê a implantação de 10 novos trechos, que irão integrar a nova rede já existente no entorno dos bairros Altiplano e Seixas. Com a nova rede, os lançamentos das águas pluviais irão ocorrer em dois pontos de emissão, que serão reforçados para receber a nova rede nas praias do Seixas e Cabo Branco.

Nos trechos finais da rede, as manilhas de 400 milímetros de diâmetros estão sendo substituídas por manilhas de 1.500 milímetros de diâmetro, o que aumentará em quatro vezes o escoamento das águas pluviais. A Seinfra executa a obra com recursos próprios da Prefeitura, e os investimentos somam R\$ 5,2 milhões.

Com Passe Legal é mais prático. **Faça já o seu. É grátis.**
www.passelegal.com.br